



# USINA SENADOR FILINTO MULLER: HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES DA “USINA VELHA”

## SENATOR FILINTO MULLER POWER PLANT: HISTORY AND REPRESENTATIONS OF “OLD MILL”

**QUADROS, Camila de Brito<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-3248-3524>

**MELLO, Thiago da Silva<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-1286-0310>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar as representações dispostas nas edições do jornal O Progresso, relacionadas à Usina Senador Filinto Muller, conhecida popularmente como Usina Velha, situada no município de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul. O recorte temporal destaca o período de 2011 a 2018. A metodologia é de natureza qualitativa. Integrou pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa em fonte de imprensa no site do jornal O Progresso. Em linhas gerais, através da análise das fontes, concluiu-se que a usina em estudo foi representada de variadas formas no tempo e no espaço. Por um lado, as representações exaltam o patrimônio histórico e cultural, atrativo turístico, entre outros aspectos. No entanto, também foram percebidas representações que indicam depredação, necessidade de restauração, ponto de uso de drogas, local de proliferação de mosquitos transmissores da dengue, entre outras doenças. Além disso, diante da análise das notícias pesquisadas, ficou nítida a ausência de políticas públicas patrimoniais relacionadas à preservação da referida usina ao longo do tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Patrimônio Cultural; Representações; O Progresso; Usina Velha.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the representations in the editions of the newspaper O Progresso, related to Senator Filinto Muller, popularly known as Old Mill, located in the municipality of Dourados in the state of Mato Grosso do Sul. The time frame highlights the period from 2011 to 2018. The methodology is of a qualitative nature. It integrated bibliographic, documentary research and research in a press source on the website of the newspaper O Progresso. In general, through the analysis of the sources, it was concluded that the plant under study was represented in various ways in time and space. On the one hand, the representations exalt the historical and cultural heritage, tourist attraction, among other aspects. However, representations were also perceived that indicate depredation, need for restoration, point of drug use, location of proliferation of mosquitoes that transmit dengue, among other diseases. In addition, in view of the analysis of the researched news, the absence of public patrimonial policies related to the preservation of this power plant over time was clear.

**KEYWORDS:** Cultural Heritage; Representations; The Progress; Old Mill.

1 Graduada em Turismo, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em 2007. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), em 2011. Especialista em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico pela Universidade de Brasília (UNB), em 2019. Mestra em História pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (Bolsista Capes - DS), em 2017. Doutoranda em História pelo PPGH/UFGD (Bolsista Capes - DS 2019 - 2021). E-mail: camilaq21@hotmail.com.

2 Licenciatura plena em História, pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN) em 2020. Segunda licenciatura em Pedagogia, pelo Centro Universitário da Grande Dourados, em 2021, (em andamento). Pós graduação lato sensu em Educação Especial e Inclusiva com Ênfase em Deficiência Intelectual e Múltipla pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), em 2021, (em andamento). Pós graduação lato sensu em Educação a Distância pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, em 2021, (em andamento). E-mail: thiago\_idemello@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado tem por objetivo analisar as representações relacionadas à Usina Senador Filinto Muller – “Usina Velha” a partir do jornal *O Progresso*, ambos situados na cidade de Dourados/MS. A pesquisa alinhou-se durante os estudos de disciplinas ligadas a Sociedade, Educação e Cultura, História Regional, Patrimônio Cultural, bem como, pela aproximação dos pesquisadores com a temática, sendo um deles motivado desde a infância pela curiosidade acerca dos patrimônios históricos.

O recorte temporal abarca o período de 2011 a 2018. O ano de 2011 foi o ponto inicial pelo fato de que, a partir dele, foram publicadas as primeiras notícias dessa década no jornal *O Progresso*, as quais chamavam a atenção pelos títulos e conteúdos relacionados à preocupação com o estado do principal patrimônio cultural da cidade, tais como “Dourados perde patrimônios históricos” e “MP [Ministério Público] pede julgamento do caso Usina Velha”. Essas matérias retratavam um pedido de julgamento antecipado de uma ação que buscou, através do Judiciário, obrigar a prefeitura de Dourados a restaurar a Usina Velha, justificando tal ação pelo fato de que ela estaria em processo de arruinamento, ou seja, o jornal também denunciou a deterioração do edifício e as más condições de seu entorno. O ano de 2018 é posto como recorte final pelo fato de estarem presentes, nesse ano, as últimas notícias que tratam de um possível desfecho da questão, sendo o último ano cabível para analisar as informações coletadas.

Acerca da metodologia utilizada nessa pesquisa, é importante salientar primeiramente que se entende que o método “[...] é um procedimento ou caminho para alcançar determinado fim e que a finalidade da ciência é a busca do conhecimento [...] é um conjunto de procedimentos adotados [...]” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 24). Desta forma, a abordagem metodológica possuiu cunho qualitativo e integrou a pesquisa bibliográfica e documental e a análise das edições do jornal *O Progresso*. Sobre a utilização da fonte de imprensa na pesquisa histórica, Barros (2019) destaca

[...] a sua importância, uma vez que ele caracteriza-se como “multiautoral, isso faz dos jornais modernos um tipo de fonte na qual a regra é a alternância de muitas vozes e diferentes agentes discursivos, [...] abrigando de fato uma considerável diversidade de autores, ocultos ou não [...] sendo a “periodicidade” a mais saliente característica dos jornais e de outras fontes similares, permite-nos contrastá-los com todos os tipos de fontes que se apresentam como textos únicos e singularizados” (BARROS, 2019, p. 164).

É importante salientar que parte das edições do jornal *O Progresso* estão disponíveis

de forma *online* em seu portal<sup>1</sup>, o que facilitou a recolha e catalogação das fontes de imprensa utilizadas nesta pesquisa. Outro ponto a se destacar é que as matérias e reportagens selecionadas tratam do tema de forma exclusiva e/ou principal, ou seja, não fazem parte das fontes trabalhadas as matérias e reportagens que trazem/tratam a Usina Velha como tema complementar ou uma menção indireta. Em relação às buscas das edições a serem analisadas, num primeiro momento, o primeiro termo utilizado na pesquisa foi “Usina Senador Filinto Muller”. Posteriormente, ao considerar que o termo “Usina Velha” também aparecia em algumas publicações, procedeu-se uma segunda busca, utilizando esse termo como palavra-chave. O tratamento dessa fonte de imprensa se deu por meio da investigação das representações relacionadas à usina de acordo com o marco temporal estipulado. Cabe ressaltar que também foram utilizadas, nessa pesquisa, algumas edições do periódico *O Douradense*, para ilustrar o cenário histórico de Dourados quando da chegada da energia elétrica.

A pesquisa bibliográfica caracterizou-se pela revisão literária dos principais estudos que nortearam o tema do trabalho científico e, sobretudo, a dissertação de mestrado de Maiara Laís Pinto, intitulada *Da usina termoelétrica Senador Filinto Muller à Usina Velha: contribuição à história de um patrimônio histórico-cultural douradense*, defendida em 2015. Além disso, foram catalogados referenciais que trataram de conceitos e noções abordados, tais como o jornal como fonte histórica na atualidade, patrimônio histórico, cultura e representações, entre outros aspectos que abriram diálogo com artigos, livros e outras produções científicas ligadas à temática presente.

A pesquisa documental integrou legislações em torno da criação e tombamento da usina como patrimônio histórico, o que possibilitou uma maior compreensão sobre todo o processo político, social e econômico em torno da mesma, os quais resultaram em seu tombamento.

## **ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA USINA SENADOR FILINTO MULLER – “USINA VELHA”**

Primeiramente, é importante considerar que a história é uma ciência que estuda a interação e a relação do homem no decorrer dos anos, em uma escala social, política, econômica e cultural.

Dentro da história, temos também a historiografia, que é uma das ramificações da História, responsável pela elaboração de um estudo historiográfico sobre a escrita da

---

1 Para consultar, acessar: <https://www.progresso.com.br/edicao-imprensa>.

história no passado e no presente. Nesse contexto, Le Goff (2003) considera que “[...] a própria ciência histórica é colocada numa perspectiva histórica com o desenvolvimento da historiografia, ou história da história” (LE GOFF, 2003, p. 12). Para o autor, a historiografia é um ramo da história enquanto Ciência que estuda seu próprio movimento histórico. Diante disso, quando estudamos a historicidade de um local ou de um patrimônio histórico, é imprescindível que levemos em consideração que suas fontes históricas serviram de base norteadora e fundamentação científica para o assunto do qual trataremos.

Nesse sentido, a diversificação de fontes para História do Patrimônio Cultural é uma construção permanente, que se renova a cada temática, objeto, patrimônio material ou imaterial a ser desvendado, procurando novas estratégias para enriquecimento da leitura e apreensão do documento, num exercício constante de descoberta das representações dinâmicas da história (MARTINS, 2017, p. 305).

Com relação à sociedade e seus patrimônios culturais, é fundamental ressaltar que os mesmos encontram-se vinculados profundamente ao contexto social, econômico e filosófico presentes em cada período histórico. Dessa forma, o patrimônio cultural é um reflexo dos valores e princípios norteadores inseridos em toda a sua complexidade, conforme salienta Françoise Choay:

O culto que se rende hoje ao patrimônio histórico deve merecer de nós mais do que simples aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui num elemento revelador, negligenciado mais brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra (CHOAY, 2006, p.12).

Sabendo que o patrimônio está profundamente vinculado à sociedade como representação de valores e princípios, é imprescindível que levemos em consideração a importância do estudo da memória individual e coletiva para a construção de uma identidade sociocultural, uma vez que a memória é a faculdade primeira que alimenta a identidade. Ela é uma reconstrução capaz de manter-se constantemente atualizada, resgatando, assim, valores e princípios compartilhados através do tempo por uma memória individual que, ao mesmo tempo que nos modifica, é por nos modificada.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nos modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAUI, 2014, p.16).

Com esse pensamento, ao levantar os antecedentes históricos da Usina Senador Filinto Muller, mais conhecida como Usina Velha, constatou-se, a princípio, que esta

encontra-se localizada no município de Dourados, segunda maior cidade do estado de Mato Grosso do Sul, na região Centro-Oeste do Brasil. Essa usina foi pioneira na geração de energia elétrica, a qual era fornecida para o núcleo central urbano de Dourados no final da década de 1940. No entanto, o planejamento para que tal projeto se concretizasse ocorreu no período em que Dourados ainda pertencia ao Território Federal de Ponta Porã<sup>2</sup>. De acordo com Moreira (1990, p. 71), as obras para a construção do complexo arquitetônico, que contemplava outros edifícios além da usina, iniciaram-se em 1943. Convém salientar que:

Entre o final de 1949 e o início de 1970, a cidade de Dourados passou por diferentes etapas no fornecimento de energia elétrica. Esta história iniciou-se com a obra proposta pelo governo federal, durante o período do Território Federal de Ponta Porã, em que foi construído um conjunto composto por serraria, carpintaria, oficina mecânica e a usina termoelétrica, uma obra complexa que dentre as suas funções proporcionou, pela primeira vez na cidade, a chegada da luz elétrica (PINTO, 2015, p. 72).

Neste viés, destaca-se que a usina funcionou continuamente de 11 de setembro de 1949 até 1952, ano em que ocorreu a sua primeira paralisação. Durante os dois anos posteriores, ela forneceu energia elétrica esporadicamente, devido aos problemas que surgiam e também porque não estava mais conseguindo atender a demanda local, que crescia consideravelmente, até que em 1954 parou definitivamente de fornecer energia elétrica para a cidade.

Um fato curioso sobre a denominação Usina Velha é que esta encontra-se diretamente ligada ao contexto político existente na época, visto que o senador Filinto Muller<sup>3</sup> foi homenageado, tendo seu nome vinculado a essa obra arquitetônica. Além de exercer um cargo de confiança no governo do então presidente Getúlio Vargas, também foi responsável pelo levantamento de verbas para sua construção. Desse modo:

A usina termoelétrica recebeu o nome de 'Senador Filinto Muller'. As fontes consultadas não informam quando ocorreu esse 'batismo'. Quanto à razão da adoção desse nome,

---

2 O Território Federal de Ponta Porã foi criado através do Decreto-Lei nº 5812, de 13 de setembro de 1943 pela política estadonovista, sob o comando de Getúlio Vargas. Era composto por sete municípios que foram desmembrados do estado de Mato Grosso e vinculados à União. Foi extinto em 1946 com a implementação da uma Nova Constituição Brasileira.

3 Filinto Strubing Muller nasceu em Cuiabá, em 1900. Pertencente a uma família de tradição na política mato-grossense, seu pai, Júlio Frederico Muller, foi prefeito de Cuiabá por várias vezes durante a República Velha (1889 – 1930), e seus irmãos Felenon e Júlio Muller foram interventores federais durante o primeiro governo de Getúlio Vargas. Foi eleito quatro vezes senador pelo Estado de Mato Grosso entre 1947 a 1973. Entre 1969 e 1973, foi presidente do Arena, o partido de sustentação do governo durante o período militar. Conquistou uma cadeira no Senado em 1947 (cf. informações contidas no acervo *online* do CPDOC FGV. Acesso em 21 nov. 2020).

pode-se deduzir que foi devida à importância política que tinha, na época, o senador Filinto Müller, além do fato de que ele pertencia ao PSD, isto é, o partido que estava no governo de Mato Grosso naquela época (PINTO, 2015, p. 84).

O conjunto de equipamentos que formavam a Usina Senador Filinto Muller (usina, serraria, carpintaria, oficina mecânica e a casa para a residência do encarregado da usina) foi construído no período de fins de 1944 a 31 de dezembro de 1945, sendo que "o principal objetivo desta usina era abastecer as casas e vias públicas comerciais, que se encontravam principalmente nas avenidas atualmente nomeadas: Marcelino Pires, Weimar Torres e Joaquim Teixeira Alves" (MOREIRA, 1990 *apud* PINTO, 2015, p. 85). Além disso, trouxe grande idealização e expectativa para a sociedade da época, que se encontrava em meio a um cenário predominantemente rural, com pouca infraestrutura e regular desenvolvimento

Foi na década de 1940 que a cidade passou a se desenvolver com mais rapidez. Traçado urbano, escolas, igrejas e postos de saúde passaram a ser mais reivindicados, pela imprensa, em nome da população. Era necessário consolidar os ideais de progresso e civilização tão sonhados (ERNANDES, 2009, p.40).

Nesse mesmo contexto histórico, além da formação do Território Federal de Ponta Porã ocorreu a implementação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), criada em 28 de outubro de 1943 e instalada na localidade em janeiro de 1944. Esses acontecimentos podem ser considerados elementos históricos responsáveis, em grande medida, pelo desenvolvimento da atual região sul do atual Mato Grosso do Sul, visto que possibilitaram, à época, a entrada e permanência de grandes levas de migrantes que, através de seu trabalho na produção de alimentos, proporcionaram o crescimento econômico da região.

Sugere-se que os moradores que residiam próximo à região central da cidade encontravam-se demasiadamente entusiasmados com a perspectiva de finalmente ter acesso à luz elétrica em seus lares, pois, até aquele momento, a iluminação domiciliar era provida através de lampiões movidos a querosene. Além disso, acreditavam que, por meio da criação da usina, haveria grande crescimento econômico na região. Essa grande esperança é notada em nota publicada em 11 de maio de 1948 na primeira página do jornal *O Douradense*, na qual se lê: "Uma nova era de vida se abrirá para todos os setores da vida diária. O futuro nos dirá isto. Façamos votos de que a luz se nos apresente em breve" (*O Douradense*, 11/5/1948, p. 1). No entanto, ao mesmo tempo que a usina trouxe energia e um maior desenvolvimento da sociedade na época, ao contrário do que muitos acreditavam, ela não era suficiente para atender toda a demanda existente e sofria constantes problemas financeiros, estruturais, de distribuição, fornecimento e abastecimento, o que acarretou, por

várias vezes, seu fechamento para sua reparação. Assim sendo, o cenário “[...] era precário, a energia gerada servia apenas para as residências e algumas vezes não era oferecida ou sofria interrupções devido aos problemas nas máquinas, sendo os mesmos relatados constantemente nas páginas d’*O Progresso*” (PINTO, 2015, p. 87).

Com o passar do tempo, toda a situação da usina foi se agravando e, mesmo com reparos, as dificuldades permaneciam. Segundo o jornal,

[...] apesar da volta da luz elétrica em Dourados, os problemas com a distribuição de energia continuavam. Considerando o abastecimento falho e os problemas enfrentados pela usina de força e luz, era preciso economizar luz elétrica, sendo este o pedido feito para os douradenses (*O Progresso*, 29/7/1951, p. 1).

Diante dos diversos problemas apresentados, em 1954 a usina foi oficialmente desativada; no entanto, sua reativação estava presente em constantes promessas, fato este que nunca aconteceu. Mesmo tendo sido oficialmente desativada em 1954, convém salientar que o fim do funcionamento da Usina Senador Filinto Muller ocorreu, de fato, em 1952, tendo em vista que:

Com um considerável índice de crescimento econômico, tanto populacional quanto econômico, houve um grande consumo de energia elétrica. A termelétrica, que já funcionava com grandes deficiências, tanto no que diz respeito à geração de energia quanto no seu fornecimento, não suportou atender a demanda local, vindo a paralisar seu funcionamento em 1952 (FERREIRA, 2003, p. 21).

De acordo com informações publicadas pelo jornal *O Progresso*, após sua desativação, com o passar do tempo, a usina foi significativamente destruída por vândalos, tendo seus equipamentos quebrados e roubados, como é possível notar nessa manchete: “Depredação criminosas – Milhões transformados em ferro velho, eis a triste e dolorosa condição da Usina Elétrica, Serraria e oficina Mecânica construída pelo governo federal” (*O Progresso*, 22/4/1956, p. 1). Passadas as décadas, diante dessa situação de depredação e abandono, entre os anos de 1984 e 1986, em meio a uma proposta de tombamento do Clube Social, (principal espaço para eventos na cidade, fundado na década de 1950), também foi inserido neste contexto a situação da usina, nesse momento já conhecida como Usina Velha, lembrada como um espaço a ser preservado e valorizado e, portanto, um bem cultural a ser protegido pelo Estado.

Após a sua reutilização como espaço cultural e artístico, foi realizada uma exposição denominada *Arte Memória* coordenada pelo professor Roberto Maia, que ocorreu nos dias 19 e 21 de setembro de 1987. Durante este evento, no período noturno, a Usina Velha

foi iluminada e recebeu um público consideravelmente significativo, ocorrendo diversas apresentações, como a exposição dos painéis da artista Lena Cruz, e as performances desempenhadas por Paulo Rigotti e os grupos artísticos Ana Pavlowa e orquestra Serenata ao Luar.

Posteriormente, foi oficialmente iniciada sua proposta de tombamento, possuindo como embasamento jurídico o Decreto Federal de 1937<sup>4</sup> e a Lei Estadual nº 245 de 1/7/1981<sup>5</sup>. Pinto (2015) nos apresenta esse contexto histórico.

Após anos de desativação a usina velha voltou a ser 'iluminada', recebeu apenas uma energia elétrica momentaneamente, mas foi reacendida para os douradenses, para a história, para ficar na história e ser repensada como um "palco" para os artistas. Após a exposição 'Arte Memória', o poder público municipal, através da diretoria de cultura da Funced, iniciou a proposta de tombamento da usina. Ao analisar os documentos identifica-se a comunicação interna – CI, enviada por essa esta [sic] diretoria para a diretoria executiva da Funced [...] (PINTO, 2015, p. 137-138).

Por outro lado, no final da década de 1980, destaca-se que a poetisa Maria Helena de Oliveira, popularmente conhecida como Heleninha, abraçou totalmente a causa da Usina Velha e sua defesa. Sua atuação acerca deste patrimônio ocorre desde o final da década de 1980, tendo como ênfase o ano de 1990, quando lançou o livro *Poemas e Poesias Memórias*, em cuja capa estava estampada uma fotografia da Usina Velha (OLIVEIRA, 2009, p. 15). Ainda neste contexto, através de diversos pleitos realizados tanto pela poetisa quanto através da pressão popular, finalmente, em 15 de julho de 1991, o pedido de tombamento foi realizado por meio de um projeto de lei apresentado na Câmara Municipal pelo então vereador e professor de história Carlos Roberto Cristino de Oliveira. Posteriormente, ele foi aceito e aprovado, transformando dessa forma as ruínas da Usina Senador Filinto Muller num patrimônio histórico e cultural do município de Dourados/MS. Acerca disso, salienta-se:

Este projeto de lei foi aprovado e tornou-se a lei nº 1.694, de 15 de julho de 1991. No artigo 1º temos que foi 'tombado como patrimônio histórico municipal o prédio da antiga Usina Filinto Muller'; o artigo 2º dispõe que a área onde se encontra a usina será desapropriada e no artigo 3º que 'o prédio, objeto desta lei, será restaurado pelo Poder Público e transformado no Museu de Dourados' (cf. Processo do Projeto de lei 40/91) (PINTO, 2015, p. 150).

---

4 O Decreto-Lei nº 25/37 é reconhecido como um marco legal que instituiu o tombamento no contexto brasileiro, dando início aos trabalhos de preservação em âmbito nacional para uma ação do poder público de forma sistemática no território nacional. Dispõe sobre a organização do patrimônio histórico e artístico nacional.

5 Primeira lei específica sobre o sistema de proteção do patrimônio histórico e artístico do Mato Grosso do Sul. Foi revogada a partir da Lei nº 3522, de 30 de maio de 2008.

Portanto, após seu tombamento, foram apresentadas diversas propostas de revitalização, para transformar o espaço pertencente à Usina Velha em um museu, centro cultural e artístico, porém nenhum desses projetos se efetivou.

Em 1996, as páginas do jornal *O Progresso* noticiavam seu abandono. Sobre a atuação do poder público municipal com relação a essa problemática, pontua-se que, na época,

Os prefeitos Braz Mello (1989-1992 e 1997-2000) e Humberto Teixeira (1993-1996) elaboraram projetos para a revitalização da antiga usina e desenvolveram algumas ações e/ou atividades culturais neste espaço, porém nenhum projeto foi executado. Apesar das cobranças de grupos da sociedade douradense e da denúncia feita ao Ministério Público pela Heleninha (foi realizada em maio de 1999 e primeiramente o MP teve como procedimento o da investigação preliminar, sob nº 2/99, para averiguar a depredação do patrimônio histórico Usina Filinto Muller), nenhum projeto foi executado na usina velha e até hoje ela encontra-se abandonada (PINTO, 2015, p. 31).

Diante do exposto, constata-se que historicamente a Usina Senador Filinto Muller – Usina Velha – esteve inserida em vários contextos políticos, econômicos e sociais e culturais. Além de produtora de energia, foi geradora de empregos, necessitando de profissionais qualificados para desempenhar as diferentes tarefas presentes na usina, pois, como vimos anteriormente, o fornecimento de energia elétrica era uma das funções desempenhadas. No entanto, esse local abarcou também as estruturas arquitetônicas e funcionais de serraria, carpintaria e oficina mecânica, que proviam o funcionamento das máquinas e, por consequência, faziam parte do fornecimento da energia elétrica no centro da cidade. Além disso, a função e o valor da Usina Velha perpassam também pela questão histórico-cultural, pois se trata de uma representação física e também simbólica, uma ligação direta com a história dos antepassados dos moradores e da própria cidade.

Através da análise das fontes, constatou-se que, após o tombamento da Usina Velha, foram elaborados diversos projetos de preservação e novos usos culturais. Contudo, esses não foram executados até o momento, e o local encontra-se fechado, não sendo permitida sua visitação por conta do perigo que sua estrutura de ruína oferece.

## **O PERIÓDICO COMO FONTE HISTÓRICA: AS REPRESENTAÇÕES DA USINA VELHA NAS EDIÇÕES DO JORNAL *O PROGRESSO* (2011-2018)**

A composição deste artigo, conforme disposto no campo introdutório, é alicerçado nas

fontes de imprensa, tendo o jornal *O Progresso* como principal fonte histórica. Entretanto, é necessário compreender que os jornais nem sempre foram credibilizados pelos historiadores brasileiros enquanto documento histórico, tendo em vista que:

Até a primeira metade deste século [século XX], os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas em relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno da verdade (LAPUENTE, 2015, p. 3).

Com isso, podemos constatar que essas duas abordagens sobre o jornal como fonte histórica acabavam negando a pluralidade e diversidade dos jornais, criando, dessa forma, modelos contraditórios em relação a seu uso. Entretanto, “essa concepção do uso do jornal como fonte, aos poucos, foi sendo superada, produto de um empenho para se repensar a História, suas dificuldades, enfoques e objetos” (LAPUENTE, 2015, p. 3). Os periódicos como meios de informação e ainda como fontes históricas viram-se completamente impregnados por uma relação de dependência com pessoas ou instituições de poder, sejam essas de caráter econômico, político ou sociocultural. Por conta disso, a imprensa acaba funcionando muitas vezes por intermediação nas transmissões de ideias dessas instituições e pessoas, provendo seu poder na sociedade, ou seja, uma “instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos” (LUCA, 2008, p. 116). Dessa forma, “é natural que durante muito tempo a utilização da imprensa como fonte de estudo para pesquisas em história, tenha sido relegada pelo seu caráter subjetivo e muitas vezes manipulativo e coercivo dos seus discursos” (SOUZA; FILHO, 2013, p. 3). Em consequência desse processo histórico, “os jornais pareciam pouco adequados para recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédia do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2008, p.112).

Em concordância com os autores pesquisados acerca da importância do jornal enquanto fonte para repensar a história de um objeto de pesquisa, seus contextos históricos e problematizações, recorreu-se ao jornal *O Progresso*, com o objetivo de identificar e analisar as informações neste divulgadas com relação à temática da Usina Velha, de acordo com o recorte temporal já determinado.

Contextualizando essa fonte de imprensa, é relevante destacar que *O Progresso* foi criado em 1920 pelo advogado José dos Passos Rangel Torres no município de Ponta Porã. Posteriormente, seu filho, Weimar Gonçalves Torres, fundou, em 1951, um jornal em

Dourados, nomeando-o com o topônimo da cidade, sendo este o primeiro jornal no estilo diário do Estado. Já o portal *online* do jornal *O Progresso* foi lançado no ano de 1997 e tornou-se também pioneiro do Estado a noticiar em plataforma digital.

Com relação ao tratamento da fonte de imprensa, convém também dizer que, durante a busca das fontes, foram encontradas e selecionadas notícias que estavam diretamente ligadas ao tema desta pesquisa (seja como assunto discutido ou presente no título da matéria), buscando assim a delimitação da temática aqui tratada. Ressalta-se que algumas notícias até continham as palavras-chaves utilizadas; contudo, não tratavam diretamente da Usina Velha e, por isso, foram descartadas. Outro ponto importante diz respeito ao recorte temporal selecionado, no qual são apresentadas notícias relacionadas à Usina Senador Filinto Muller como “Usina Velha”, sendo esse um importante elemento para se discutir representações sobre esse patrimônio cultural, tanto no campo do imaginário (denominação mais utilizada e na qual é popularmente conhecida pela maioria dos moradores), como no campo da representação da denominação “velha”, enquanto antiga, ligada ao passado. O resultado do levantamento é apresentado abaixo no quadro 1, conforme segue:

Data da edição	Título	Conteúdos abordados Elementos de representação (em negrito)
17 de novembro de 2011	Albino e Marçal obtêm recursos para Usina Velha	Trata-se da aprovação de recursos de um pedido feito pelo deputado federal Marçal filho sobre a revitalização do prédio da Usina Velha. Destacou que a <b>revitalização</b> das ruínas da <b>antiga usina</b> e a utilização daquele espaço para <b>promoção da cultura</b> é uma luta do vereador Albino Mendes, que fez diversas indicações neste sentido aos representantes da bancada do MS no Congresso Nacional. A usina está representada <b>no campo cultural, como um espaço a ser revitalizado e preservado</b> .
17 de novembro de 2011	MP pede julgamento do caso Usina Velha	Destaca uma petição do ministério público ao judiciário sobre a antecipação do julgamento da <b>ação que busca na justiça</b> obrigar a prefeitura de Dourados a <b>revitalizar</b> a Usina Velha.
14 de setembro de 2012	MP aciona Justiça por obra na Usina	Destaca um ingresso com recurso na justiça feito pelo Ministério Público Estadual, para que o município <b>restaure</b> a Usina Velha, ressaltando que a mesma está em <b>ruínas</b> . Esta notícia está representando o estado de <b>deprecação</b> da usina, ao passo que cobra sua <b>revitalização</b> e <b>preservação</b> através dos órgãos públicos.

29 de junho de 2012	Juiz nega revitalização da Usina Velha	Nesta notícia a usina está representada como <b>patrimônio histórico e cultural</b> , como um <b>símbolo da história</b> do município, que está em <b>ruínas</b> e se deteriora com o passar dos anos. Segundo publicado nesta edição, o juiz José Domingues Filho, decidiu negar a ação civil pública movida pelo Ministério Público Estadual, que obrigava o município a <b>preservar e restaurar</b> a usina.
31 de julho de 2012	Acorda, Dourados!	A notícia é apresentada em forma de <b>denúncia</b> , em prol da decisão tomada pelo juiz da 6ª Vara Civil José Domingues Filho, que negou a ação movida pelo Ministério Público Estadual, a mesma situação retratada anteriormente. Entretanto, a ênfase é relacionada à justificativa do juiz, abrindo espaço para um debate. A Usina Velha é representada como <b>símbolo histórico e cultural</b> da cidade.
19 de dezembro de 2013	Filintão e Fernandão: geradores do crescimento	Essa notícia retrata a chegada dos geradores de energia da Usina Velha, doados pelo próprio Filinto Muller entre 1959 e 1961. Estes geradores foram responsáveis por manter a cidade iluminada no final dos anos 70. Nesta notícia, a usina está representada no <b>campo da memória</b> , através dos relatos presentes na resenha de pessoas que vivenciaram o funcionamento destes geradores na cidade.
04 de abril de 2014	Sem aprovação de projeto, Usina Velha segue em ruínas	O destaque foi que, pela terceira vez consecutiva, a Secretaria de Cultura de Dourados encaminha um projeto de <b>revitalização</b> da Usina Velha ao governo federal, na tentativa obter recursos. Desta forma, a usina está representada como um <b>bem histórico</b> a ser revitalizado e preservado.
18 de junho de 2014	Tetila pede manutenção e placas com dados históricos da Usina	Trata de um requerimento que solicitou a higienização, manutenção e implantação de uma placa de identificação de <b>atrativo turístico</b> . Pedido feito pelo então deputado estadual Laerte Tetila encaminhado ao, na época, prefeito de Dourados, Murilo Zauith. Nesta ocasião a usina é representada no campo do <b>turismo</b> .
31 de janeiro de 2015	A Usina Velha e a sua vergonhosa História	Essa notícia trata de uma <b>denúncia</b> feita por José Alberto Vasconcellos, sobre o furto, roubo ou descaminho dos bens públicos, constituídos de imóveis. Sobre a Usina Velha, ele alega ser testemunha de que, durante a administração de Jorge Antonio Salomão (1971-73), encontrava-se em perfeito estado e que, após a sua desativação, ela foi <b>desmontada e saqueada</b> por ladrões que nunca foram incomodados pela justiça. A usina aqui encontra-se <b>representada na memória e também como espaço cultural a ser preservado</b> .

11 de janeiro 2016	Que fim levou?	A notícia apresenta uma cobrança relativa à <b>revitalização</b> da Usina Velha prometida por um projeto elaborado em 2005. Destaca que, na época, a Prefeitura e a Fundação de Cultura – Funced – anunciaram a revitalização por meio de recursos de um fundo de Cultura do Banco do Brasil. Destaca-se que a usina está representada como um <b>bem histórico-cultural</b> a ser revitalizado.
09 de janeiro de 2016	Patrimônio Histórico	Destaca que a Usina Senador Filinto Muller “ <b>pede socorro</b> ”. Refere-se a ela como <b>uma ruína tombada pelo patrimônio histórico</b> e chama a atenção para a urgência de ser restaurada. Notícia o desvio de verbas por parte do governo federal, as quais deviam ter sido investidas na restauração do referido patrimônio. Salieta a <b>falta de interesse político</b> , especialmente da esfera federal, assegurando que o município não tem condições de arcar sozinho com os gastos. Nessa notícia, a Usina Velha está representada como um <b>bem histórico-cultural</b> a ser revitalizado.
11 de janeiro de 2016	Em ruínas, Usina Velha vira fumódromo e foco de dengue	Retrata que a usina é alvo de críticas de moradores circunvizinhos à estrutura. <b>Coloca que sua estrutura física está sendo utilizada para uso de drogas e prostituição</b> . Ressalta ainda que no local há acúmulo de lixo que, além do mau cheiro, armazenam água, que desencadeia <b>foco do mosquito Aedes Aegypti, que podem transmitir doenças como a dengue, chikungunya e zika</b> . Assim sendo, nesta notícia, a usina está <b>representada como fumódromo e foco de dengue</b> .
15 de setembro de 2016	Deputado cobra restauração da Usina Velha	Trata das proposições do deputado estadual George Takimoto (PDT) que encaminhou a representantes de MS, no Congresso Nacional, o pedido de empenho na mobilização de verbas federais para atender duas demandas de grande <b>valor social e histórico-cultural em Dourados</b> : a Usina Velha e o prédio da Funai. A usina é retratada aqui como bem de valor social, histórico e cultural de Dourados.
07 de novembro de 2016	Usina Velha: sem projeto não tem jeito	Trata-se de uma resposta do médico e deputado Geraldo Resende ao autor do artigo “Usina Velha, a materialização da vergonha”, José Alberto Vasconcellos. Além de concordar, em alguns aspectos com o autor, o deputado tentou falar de seus esforços junto a essa causa e que nenhum prefeito elaborou projetos técnicos para o empenho do dinheiro junto ao <b>Ministério do Turismo ou Ministério da Cultura</b> .
22 de março de 2018	Chaminé da Usina Velha de Dourados corre risco de desabar	Mostra a situação <b>de rachaduras</b> da chaminé da usina e o risco desta de desabar. Nesta notícia, a usina está representada como um espaço <b>depredado e abandonado</b> .

Quadro 1 – Representações da Usina Velha nas edições do jornal *O Progresso* (2011-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Durante a etapa metodológica de recolha e tratamento da fonte de imprensa utilizada, constatou-se que, em relação às notícias encontradas nas edições do jornal *O Progresso* no ano de 2011, foram encontradas (2), enquanto no ano de 2012 (3), em 2013 foi encontrada apenas (1), em 2014 (2), em 2015 (1), em 2016 (5) e no ano de 2018 (1). Assim sendo, no período compreendido entre os anos de 2011 e 2018, foram encontradas 15 notícias que trataram da temática com destaque principal, conforme listagem apresentada no quadro 1. Nesse sentido, é perceptível que há várias representações vinculadas à Usina Velha na perspectiva da fonte de imprensa analisada. As representações variam: objeto de revitalização, preservação, “pedidos de socorro”, atrativo turístico, patrimônio histórico cultural, depredação, abandono, valor social, histórico e cultural de Dourados, bem como o papel do poder público em relação a esse patrimônio cultural.

O tópico que se segue terá por objetivo a análise dessas representações por meio de um diálogo entre a teoria do campo da história e a fonte de imprensa, com vistas a compreender as contextualizações e problematizações no contexto do jornal *O Progresso*, bem como no tempo e no espaço.

## **COMO A USINA VELHA FOI REPRESENTADA NAS EDIÇÕES DO JORNAL O PROGRESSO? ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA**

A representação é um termo bastante difundido e utilizado nos últimos anos no Brasil, presente principalmente nos discursos elaborados por aqueles historiadores que fazem uso da História Cultural em suas pesquisas (SANTOS, 2011, p. 27). Trata-se de uma redescoberta dos historiadores na sua maneira de enxergar o mundo, sobretudo o passado, concedendo uma renovação nos múltiplos domínios da história. “Representações são presentificações de uma ausência, onde representante e representado, guardam entre si relações de aproximação e distanciamento” (PESAVENTO, 2006, p. 5).

Na maioria das vezes, este termo aparece nos textos escritos no Brasil vinculado a obras de Roger Chartier, um dos principais articuladores do conceito de representações sociais no campo acadêmico. Esses textos trazem à tona a importância do debate e estudo das representações para a compreensão dos mecanismos pelos quais um determinado grupo se impõe. Para o autor:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. (...). As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta se impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu

domínio (CHARTIER, 1991, p. 17 *apud* PACHECO, 2005, p. 3).

Assim sendo, foram atribuídos novos significados ao termo representação, sendo utilizado em diferentes contextos, que abarcam principalmente as questões relacionadas à cultura e sociedade. Na contemporaneidade, se faz muito presente a sua utilização por historiadores como ferramenta chave para análise cultural, econômica e social presentes em todas as culturas ao longo do tempo e também como método investigativo.

Durante a análise das fontes dessa pesquisa, observou-se que as primeiras edições d'O *Progresso* referentes aos anos de 2011, trataram de representar a Usina Velha de duas maneiras distintas. A primeira notícia centralizou-se na formulação de um projeto, destacando a aprovação do pedido de emenda feito pelo deputado Albino Mendes (PR) para a revitalização e reutilização do espaço físico da usina com o propósito de promover a cultura, ou seja, a Usina Velha é representada enquanto espaço cultural que deve ser revitalizado.

A revitalização das ruínas da antiga usina e a utilização daquele espaço para promoção da cultura é uma luta do vereador Albino Mendes, que fez várias indicações neste sentido aos representantes da bancada de MS no Congresso Nacional. 'Agora, recebo essa maravilhosa notícia do deputado Marçal Filho, que demonstrou sensibilidade com a causa da comunidade artística de Dourados e fez também sua a nossa luta' comemora o vereador (O *Progresso*, 22/9/2011, p. 10).

No entanto, a segunda notícia retrata sua depredação, ao afirmar que o Ministério Público pediu ao judiciário a antecipação da ação que visava obrigar a prefeitura de Dourados a revitalizar a Usina Velha através da Justiça. Nesse sentido, foi acionado o departamento de apoio às atividades de execução do Ministério Público para realizar as vistorias, enviando posteriormente um relatório à Justiça. Desse modo, a Usina Velha passa a ser objeto de ação do Ministério Público por conta de seu estado de deterioração.

O relatório apresentado à Justiça destaca a existência de novas fissuras, rachaduras, desmoronamentos de laje e viga, afundamento de piso, revestimento danificado, falta de limpeza, deterioração da alvenaria dos pilares e da laje de piso, retirada de pilares e paredes de sustentação, piso corrompido, tanques semienterrados, muito lixo e água parada em seu interior, além de fissuras na chaminé (O *Progresso*, 18/11/2011, p. 11).

Ao analisar as duas publicações, é perceptível que ambas destacam um interesse em comum, que se refere à revitalização da usina. Entretanto, apresentam um contraponto: enquanto uma matéria apresenta uma proposta para reutilização do local como espaço artístico com vistas à promoção da cultura, a outra mostra o estado de depredação e o

descaso do poder público municipal para com este patrimônio cultural. Dito de outro modo, *O Progresso* ora representa a Usina Velha enquanto um local potencial no campo cultural, ora como um local deteriorado.

Há de se salientar que o conteúdo presente na segunda matéria mostra a condição preocupante em que a Usina Velha se encontrava (e ainda se encontra), correndo o risco, inclusive, de um eventual tombamento (no sentido literal da palavra), o que abarcaria em uma perda de valor inestimável para cultura douradense. Salienta-se que:

Um povo que não guarda suas histórias, suas memórias, seu patrimônio, não sabe quem realmente é. Estas memórias estão guardadas em seu patrimônio cultural que deve ser preservado, restaurado, contado, cantado, de tal maneira que possa despertar nas pessoas seu real valor para a construção histórica (STANGER, 2008, p. 2).

Nessa perspectiva, ao nos depararmos com as três matérias referentes ao ano de 2012, visualizamos que estas estão voltadas para a questão da revitalização desse bem cultural. A primeira traz o parecer do juiz José Domingues Filho, que negou a ação civil pública movida pelo Ministério Público Estadual, a qual obrigava o município a revitalizar a usina que estaria em ruínas. *O Progresso*, dessa forma, apresenta a justificativa do juiz: “Não se pode obrigar o poder público a promover gastos como quer a Promotoria, sem demonstração da inoccorrência de ofensa ao *quantum* orçamental destinado a outras políticas públicas como saúde, educação e saneamento básico” (*O Progresso*, 29/6/2012, p. 9).

A matéria publicada no mês seguinte complementa a primeira com um título bastante provocativo, convocando um despertar à população douradense acerca da decisão do juiz. Nessa edição, *O Progresso* traz a visão do morador Mauro Luiz Pizzini (em artigo de própria autoria), que lamenta o parecer do magistrado.

Pena que em Dourados, tenhamos o culto da indiferença, o hábito de alguns governantes e até cidadãos comuns que perderam o sentido de comunidade. O consumo é o único objetivo, que faz da cidade um lugar passageiro, onde tudo pode ser destruído e construído a qualquer momento. Já estou vendo alguém proibir a restauração da estação ferroviária de Itahum, a qual poderia se tornar um exuberante e lucrativo – como em muitas cidades brasileiras – ponto turístico (*O Progresso*, 31/7/2012, p. 2).

A última matéria do ano de 2012 relacionada à Usina Velha mostra que, após a decisão do Judiciário em indeferir o pedido do Ministério Público Estadual para que o município pudesse restaurar a usina, que estaria em ruínas, a Procuradoria recorreu da decisão, contando também com a mobilização popular da sociedade civil. Conforme foi publicado:

De acordo com o presidente do Comitê de Defesa Popular, Ronaldo Ramos, a sociedade quer impedir que o patrimônio desabe e se perca na história de Dourados. Segundo ele, a entidade defende um projeto do arquiteto e urbanista Luiz Carlos Ribeiro que prevê um Parque Ecológico no local. A proposta une a prevenção do Meio Ambiente e Cultura (O Progresso, 14/9/2012, p. 9).

Assim sendo, as edições do jornal desse período trazem à tona as representações ligadas à preservação e revitalização deste bem histórico-cultural para a emancipação da memória daqueles que viveram e reconhecem sua importância. Por outro lado, *O Progresso* repudia e denuncia a decisão do juiz José Domingues Filho em relação ao pedido do Ministério Público Estadual, ao alegar que haviam outras prioridades como saúde, educação e saneamento básico. É fundamental salientar, nesse ponto, que não se defende que essas demandas devem ser deixadas em segundo plano no campo das políticas públicas municipais, mas também é prioritário à municipalidade a preservação desse patrimônio, até mesmo por conta das responsabilidades do Estado para com o bem tombado. Além disso: "É preciso valorizar os centros históricos e seus patrimônios como potencializadores das identidades coletivas (locais e regionais) para o desenvolvimento econômico, social, urbano e evitar os impactos ambientais (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 13).

Dando continuidade à interpretação da fonte, notamos que o jornal *O Progresso*, durante o ano de 2013, apresenta a Usina Velha no campo da memória, em uma retrospectiva histórica direcionada ao final dos anos 1970, dando ênfase à importância dos geradores popularmente chamados de *Filintão* e *Fernandão*, que eram responsáveis por atender a região central da cidade e outros pontos do entorno com o fornecimento da energia elétrica (privilegio de determinada classe social, sobretudo no período em que somente a Usina Filinto Muller estava em funcionamento). O periódico traz alguns relatos presentes na memória daquelas pessoas que viveram naquela década e presenciaram estes geradores em pleno funcionamento, como destacamos a seguir:

Por vários anos, Dourados foi movido pelos geradores Filintão e Fernandão. Quando um apresentava algum problema, o outro já entrava em funcionamento. Claro que isso demorava algum tempo para acontecer e a cidade ficava na escuridão, brinca Zé Elias, que já morava em Dourados naquela época (O Progresso, 19/12/2013, edição especial online.).

Diante da matéria supracitada, convém dizer que a memória nos remete, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o ser humano pode atualizar impressões ou informações passadas (ou que ele representa como passadas). E a construção das memórias constitui uma importante função social, na medida em que

reproduz informações mesmo ante a ausência de dados escritos, baseando-se no estudo de objetos que marcaram seu acontecimento (LE GOFF, 2003, p. 419). Nesse sentido, a representação da Usina Velha nessa matéria diz respeito ao patrimônio ligado ao campo memorial, ao passado rememorado através das páginas do principal veículo de informação da cidade.

As notícias publicadas no ano de 2014 trataram de representar a Usina Velha como um ponto turístico e novamente como uma área depredada. A primeira matéria destaca em seu título que o projeto de revitalização da usina não foi aprovado e que a mesma segue em ruínas:

Pela terceira vez consecutiva, a Secretaria de Cultura de Dourados encaminha projeto de revitalização da Usina Velha ao governo federal, na tentativa de captar recursos. Ajustamos o projeto e reencaminhamos ao governo, pois é de nosso interesse ver a Usina Velha revitalizada, diz Carlos Fábio, secretário de Cultura (*O Progresso*, 4/4/2014, p. 3).

Posteriormente, é apresentado um pedido feito pelo deputado Laerte Tetila, solicitando a manutenção do local e a implantação de placas com dados históricos da Usina Velha para os turistas e os moradores que a visitam. A matéria destacou que o deputado estadual encaminhou um requerimento ao prefeito de Dourados, Murilo Zauith, e também uma cópia ao secretário municipal de Infraestrutura e Desenvolvimento, na qual foram solicitadas "a limpeza, manutenção, implantação de placa de identificação de atrativo turístico e placas com dados históricos da obra para o desenvolvimento de Dourados da Usina Filinto Muller, também conhecida como Usina Velha" (*O Progresso*, 18/6/2014, p. 11). Em relação ao turismo, destaca-se sua importância como uma atividade marcante e relevante nas sociedades pós-industriais, pois trata-se de um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos que se originou e se desenvolveu com o capitalismo. Nas últimas décadas, as atividades turísticas têm adquirido maior destaque entre as atividades econômicas desenvolvidas no mundo. O turismo também pode ser entendido como uma atividade que pode contribuir com a divulgação, promoção e preservação do patrimônio cultural, sendo a história das cidades, de seus atrativos, de seus monumentos e de seus patrimônios culturais um campo em potencial para se desenvolver atividades turísticas. Dessa forma, ao representar a Usina Velha enquanto atrativo turístico, o jornal *O Progresso* também indica, em suas matérias, a necessidade de se preservar esse bem cultural como um elemento importante para a história do município.

No ano de 2015, é publicada uma notícia como forma de denúncia por José Alberto

Vasconcellos, advogado e membro da Academia Douradense de Letras. Nela, a Usina Velha é representada como um patrimônio histórico abandonado e saqueado “por ladrões ‘de alto e baixos coturnos’ que nunca foram incomodados pela justiça e vem agora recebendo continua atenção de políticos, que prometem restaurá-la, porque é histórica – dizem, mastigando a demagogia que os animam!” (*O Progresso*, 31/1/2015, p. 2). Essa notícia destaca também o silêncio das autoridades competentes e da sociedade frente aos acontecimentos de roubo e desvio de verbas destinados aos bens públicos, sobretudo relacionados à Usina Velha. Nesse sentido, noticiou-se que:

Desde a primeira administração de Laerte Tetila como prefeito (2001/04) que o Informe C cobra um destino digno para as ruínas da usina velha de energia elétrica, às margens do córrego Laranja Doce. Naquela época, ZECA DO PT, enquanto governador, arrumou (e depois desviou para outros fins) uma verba do Banco do Brasil para revitalização do local (*O Progresso*, 31/1/2015, p. 2).

Dessa forma, a Usina Velha tem sua representação ligada à memória e também como elemento cultural a ser preservado. Além disso, a situação de descaso pelo poder público é evidenciada, inclusive ao afirmar o desvio dos recursos financeiros destinados à sua manutenção e revitalização.

O ano de 2016 apresenta matérias relacionadas à Usina Filinto Muller, nas quais a mesma é retratada como local abandonado, uma ruína depredada, porém tombada como patrimônio histórico, como “fumódromo” e espaço propenso ao foco do mosquito da dengue, além de evidenciar a grande quantidade de lixo encontrada naquele local. Refere-se à Usina Velha como um patrimônio que deve ser socorrido com urgência, ao passo que novamente faz uma denúncia de desvio de verbas públicas que poderiam ser destinadas à restauração deste patrimônio, além de retratar seu abandono, sendo a mesma frequentada por vândalos que utilizam o espaço para o uso de drogas. As representações negativas são acentuadas e relacionadas ao local:

A usina está sendo frequentada por pessoas que valorizam a história de Dourados, porém infelizmente também vem sendo frequentada por vândalos que deixam rastro de lixo por onde passam, contribuindo para a proliferação do mosquito aedes que transmite a dengue, febre Chikungunya e Zika Virus. Vândalos frequentam por frequentar, geralmente para fazer o uso de drogas [...]. Além de camisinhas usadas descartadas no local em que facilmente qualquer criança tem acesso, o local também tem restos de materiais utilizados para o uso de drogas. No local a equipe de O PROGRESSO também constatou o descarte de várias embalagens marmitex, garrafas pet, latas de cerveja, sacolas plásticas [...] (*O Progresso*, 11/1/2016, p. 9).

As últimas matérias de 2016 destacam, mais uma vez, a depredação da usina, afirmando que o deputado estadual George Takimoto havia encaminhado uma proposta aos representantes estaduais no Congresso Nacional. Nessa proposta, o membro do Legislativo estadual solicita a mobilização de verbas federais para atender as demandas de grande valor social e histórico-cultural em Dourados, como disposto a seguir:

Segundo Takimoto, um dos mais emblemáticos patrimônios históricos e culturais dos douradenses está em ruínas e deve ser socorrido com a máxima urgência [...]. A Usina Velha é um marco em progressiva deterioração, o que significa perder um registro dos mais valiosos da nossa história. E esta é uma perda que não tem como recuperar (*O Progresso*, 15/9/2016, p. 9).

Acerca do que foi apresentado nestas matérias, é visível o retrato sobre a triste condição da Usina Velha e a maneira como o espaço se encontra. As fontes analisadas apontam que o local foi utilizado para prostituição, uso de drogas e foco de dengue. Esses fatores contribuem para sua depredação e, se analisados sob a óptica do patrimônio cultural, comprovam, em alguma medida, que parte da população desconhece o valor histórico desse bem patrimonial. Além disso, foi possível notar que as representações relacionadas aos fatores negativos são percebidas de forma mais recorrente. No entanto, sabemos da enorme importância desse patrimônio para a história da cidade e de seus moradores. Sobre o valor histórico da Usina Velha, salienta-se que esse patrimônio, "possui as características do patrimônio material, especificamente do histórico-cultural" (PINTO, 2015, p. 32). Nesse sentido,

Para o estudo considera-se que no conceito de patrimônio estão inseridos aspectos como: pressupõe-se que existem valores comuns que são compartilhados pela sociedade; os fatores que determinam a escolha deste são: o excepcional, o belo, aquilo que representa a nacionalidade; e "é entendido como um bem material concreto, um monumento, um edifício, assim como objetos de alto valor material e simbólico para a nação" (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 20).

A última matéria selecionada para análise neste artigo que trata diretamente da Usina Velha foi publicada no ano de 2018 e, mais uma vez, retrata-a como um local depredado, porém destaca uma importante estrutura do edifício: sua chaminé. Segundo publicado no jornal, sem manutenção, a chaminé da Usina Velha corria o risco de desabar a qualquer momento, ressaltando, ainda, como essa problemática era antiga. Destacou que, a cada dia que passa, as fissuras estavam aumentando, representando um grande perigo para quem frequentava o local (*O Progresso*, 22/3/2018, p. 12). Vale salientar que a chaminé da Usina Velha se destaca no conjunto arquitetônico, visto que possui cerca de 28 metros de

altura. Ela também está presente no imaginário popular dos moradores mais antigos, pois ao longe podia-se ver a fumaça que saía por essa chaminé durante seu funcionamento. Além disso, há várias histórias ligadas a esse elemento no campo memorialístico, entre elas a de que dois raios atingiram a chaminé no mesmo ponto, porém em momentos diferentes, “contradizendo o dito popular que: onde caiu um raio não cai dois. Na Usina Velha não foi o caso!” (OLIVEIRA, 2009, p. 133). Há inúmeras referências à chaminé em produções literárias, fotográficas e artísticas no campo cultural de Dourados, a exemplo do título do livro da poetisa Heleninha de Oliveira: *Usina Velha: raios na chaminé*, publicado em 2009.

Portanto, diante das matérias e notícias que foram analisadas, observa-se que elas perpassam por questões ligadas a depredações, pedidos de projetos, solicitação de recursos para revitalização, manutenção, ponto turístico, entre outras representações. Neste sentido, constata-se que os conteúdos são dos mais variados. Entretanto, é notável que a maior parte de suas representações o que mais é representado dizem respeito ao estado de depredação e abandono em que a Usina Velha se encontra, bem como o descaso dos órgãos públicos responsáveis pela sua revitalização. Há também evidências em que, ao mesmo tempo que parte da sociedade clama pela sua preservação, outra parte colabora para a sua depredação, ou seja, apesar de a Usina Velha ser representada enquanto símbolo importante para a história de Dourados nas páginas d’*O Progresso*, ela também é alvo da denúncia do descaso e da negligência do poder público para com o patrimônio cultural municipal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise das fontes dessa pesquisa, considera-se que as alterações no campo preservacionista público municipal foram pouco relevantes, considerando as diversas matérias que denunciaram o estado de abandono através do tempo de um dos mais significativos patrimônios histórico-culturais do nosso município e que faz parte da história relacionada ao progresso e crescimento da região Centro-Oeste. No intuito de proporcionar uma reflexão sobre os valores históricos desprezados, em certa medida, pelo poder público e a depreciação pela história local de parte dos moradores da região, relegando a importância dada ao tema Usina Velha, é imprescindível a busca de um despertar pelo interesse e para a importância que a Usina Senador Filinto Muller, a Usina Velha, possui enquanto um elemento histórico e patrimonial único e singular.

Em linhas gerais, por meio das análises das matérias pesquisadas no jornal *O Progresso* no período de 2011 a 2018, constatou-se que a Usina Velha possui uma grande

relevância histórica, cultural e econômica, não somente para sociedade douradense, mas para toda a região. Houve a compreensão de que a usina foi a pioneira na geração de energia no final da década de 1940, sendo que, no ano de 1952, encerrou o fornecimento de energia e, no ano de 1954, foi desativada. À época de seu funcionamento, revolucionou uma geração, mesmo que de forma parcial, pois iluminava a área central da cidade, fazendo com que muitas famílias que dependiam dos lampiões e das candeias deixassem de lado esses utensílios, utilizando a energia elétrica em seus lares.

Compreendeu-se que, no ano de 1991, a Usina Velha foi tombada como patrimônio histórico e cultural e tornou-se pauta das políticas municipais de cada nova administração. Foram apresentados projetos de revitalização e também pedidos de sua transformação em centro cultural, ao passo que parcelas da população se manifestaram a favor destes projetos, cobrando a execução dos mesmos. Foi observado, através da análise das matérias publicadas no jornal *O Progresso*, como a Usina Velha foi retratada em cada ano, e que a maioria das notícias a apresentava como um patrimônio histórico em ruínas, depredado e abandonado.

Apesar dos esforços e das cobranças realizadas pela sociedade, pela equipe jornalística de *O Progresso* e do inquérito civil público em desfavor da prefeitura por abandono de patrimônio público, infelizmente o que predominou, diante do desfecho dos vários projetos apresentados e das ações públicas impetradas, foi a falta de uma política patrimonial municipal concreta, embasada em procedimentos e critérios coerentes, além da própria ineficiência do Estado com relação ao patrimônio cultural local.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, José de Assunção. *Fontes Históricas: Introdução aos seus usos historiográficos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006
- CPDOC FGV. *A era Vargas: dos anos 20 a 1945*. Filinto Muller. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto\\_muller](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/filinto_muller). Acesso em 21 nov. 2020.
- ERNANDES, Mercolis Alexandre. *A construção da identidade douradense (1920-1990)*. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.
- FERREIRA, Analina. *A Usina Termelétrica Senador Filinto Müller: história e patrimônio cultural (1940-2003)*. 2003. 43 f. Monografia (Especialização em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre/RS. *Anais...* Porto Alegre: UFGRS, 2015. p. 1-12. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/o-jornal-impresso-como-fonte-de-pesquisa-delineamentos-metodologicos/view>. Acesso em 7 jun. 2020.

LEGOFF, Jacques. *História e memória*. 2ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. Fontes para o patrimônio: uma construção permanente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2017.

MOREIRA, Regina Heloíza Targa. *Memória fotográfica de Dourados*. Campo Grande/MS: UFMS, Centro Universitário de Dourados, 1990.

OLIVEIRA, Maria Helena Izidório de. *Usina Velha: raios na chaminé*. Dourados (MS): M.H.I. de Oliveira, 2009.

PACHECO, Alexandre. *As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de habitus e campo em Pierre Bourdieu*. In: ANPUH: XXIII Simpósio Nacional de História: Londrina, 2005. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206372\\_fe7dc47fe14309e9900579a5061ed0d0.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206372_fe7dc47fe14309e9900579a5061ed0d0.pdf). Acesso em 7. nov. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações, uma trajetória. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6395/3837>. Acesso em 1 nov. 2020.

PINTO, Maiara Laís. *Da usina termoelétrica Senador Filinto Muller à Usina Velha: contribuição à história de um patrimônio histórico-cultural douradense*. 2015. 180f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados. Disponível em <[https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/03/MAIARA-LAÍS-PINTO\\_ago\\_2015.pdf](https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/03/MAIARA-LAÍS-PINTO_ago_2015.pdf)>. Acesso em 7 jun. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. *Revista de Teoria da História*, v. 6, n. 2, p. 27-53, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>. Acesso em 1 nov. 2020.

SOUZA, Danilo Rodrigues; FILHO, Severino Cabral. O periódico como fonte na pesquisa histórica: trabalho e trabalhadores no jornal "Diário da Borborema" - Campina Grande, 1957-1980. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: conhecimento histórico e diálogo social. 27., 2013, Natal/RN. *Anais...* Natal: ANPUH BRASIL, 2013, p. 1-13.



STANGER, Monica Zanelatto. *Memória, Patrimônio e História*: uma abordagem prática. In: O professor PDE e os desafios da escola pública Paranaense. Cadernos PDE, 2008, Volume I - ISBN 978-85-8015-039-1, Governo do Paraná.

## FONTES

*O Progresso*

*O Douradense*

Recebido em 29/04/2021

Aprovado em 26/09/2021